

André de Oliveira T.  
Carrasco

# C

UENCA MATANZA - RIACHUELO:  
RECONHECENDO A PERIFERIA DE  
BUENOS AIRES

I40

pós-

## RESUMO

Este texto apresenta um relato elaborado a partir de um trabalho de campo, no qual foram visitadas e analisadas algumas experiências arquitetônicas e urbanísticas desenvolvidas ao longo da Cuenca Matanza - Riachuelo, região periférica de Buenos Aires.

## PALAVRAS-CHAVE

Buenos Aires. Urbanização. Periferia.

CUENCA MATANZA - RIACHUELO:  
RECONOCIENDO LA PERIFERIA DE  
BUENOS AIRES

pós- | 141

RESUMEN

En este trabajo se presenta un informe elaborado a partir de un trabajo de campo, en lo cual se visitaron y analizaron algunas experiencias de arquitectura y urbanismo desarrolladas a lo largo de la Cuenca Matanza - Riachuelo, en la región periférica de Buenos Aires.

PALABRAS CLAVE

Buenos Aires. Urbanización. Periferia.

CUENCA MATANZA RIACHUELO:  
ACKNOWLEDGING THE OUTSKIRTS OF  
BUENOS AIRES

**ABSTRACT**

This paper presents a report compiled from a field research, in which we visited and analyzed some architectural and urban planning experiments developed over the Matanza Riachuelo Cuenca, peripheral region of Buenos Aires.

**KEY WORDS**

Buenos Aires. Urbanization. Outskirts.

*Nadie ignora que el Sur empieza del otro lado de Rivadavia. Dahlmann solía repetir que ello no es una convención y que quien atraviesa esa calle entra en un mundo más antiguo y más firme.*

(El Sur. Jorge Luis Borges, *Ficciones*, 1944.)

## I. O SUL

O sistema formado pelos rios Matanza e Riachuelo define o limite sul da Cidade Autônoma de Buenos Aires. Sua bacia hidrográfica – ou *cuenca*, em castelhano – define os limites geográficos de uma das áreas mais pobres e urbanisticamente degradadas da cidade e da província bonaerense. O lado sul do mapa, nessa metrópole latino-americana, representa, de fato, no imaginário corrente, um mundo mais firme, como nos conta Borges. Mas, se o escritor falava de firmeza em um sentido de algo constante, estável, definitivo – em oposição clara à histórica fluidez da vida portenha –, atualmente o sentido dessa frase se manifesta na forma como se expressa a precariedade imposta a seus habitantes - precariedade dura, firme, estável, que os coloca em uma situação de imobilidade -, também oposta à fluidez da vida portenha contemporânea – semelhante a um beco sem saída.

Segundo Reese (2006), na Cuenca Matanza - Riachuelo, residem cerca de 3,3 milhões de habitantes (25% da população da Região Metropolitana de Buenos Aires). Desse total, 76% residem em áreas localizadas na Província de Buenos Aires, e 24%, dentro da Cidade Autônoma de Buenos Aires. Esse sistema, estruturado por um conjunto de rios de planície, constituído por áreas urbanizadas, formal e informalmente, de médias e altas densidades, por zonas industriais de grande porte, em alguns casos separadas por vazios urbanos, desenvolve-se ao longo de aproximadamente 70 quilômetros, com uma largura média de 35 quilômetros, o que corresponde a aproximadamente 2.300 km<sup>2</sup>.

É interessante notar que a maioria dos turistas brasileiros, ao visitar a cidade de Buenos Aires, em geral conhecem pelo menos os dois extremos dessa região. Em uma ponta, o Aeroporto Internacional de Ezeiza, no município de Ezeiza, que atende principalmente a Cidade de Buenos Aires. Na outra, o famoso Caminito, no bairro da Boca (“boca” do Riachuelo – onde esse rio encontra o Rio da Prata), um dos pontos turísticos mais visitados da capital.

Este texto tem como objetivo apresentar o que é a Cuenca Matanza - Riachuelo, para além desses dois pontos. Discutir criticamente alguns momentos do processo de produção do espaço urbano da Cidade de Buenos Aires e de sua Região Metropolitana, destacando o modo como as contradições impostas por esse processo viriam a se territorializar, principalmente, como precariedade urbanística e ambiental.

Além de uma pequena fração da extensa bibliografia existente sobre o tema, o texto também tem como base um trabalho de campo realizado na Cuenca Matanza - Riachuelo, no primeiro semestre de 2012, uma das atividades realizadas pelo autor, na condição de docente no âmbito da disciplina de *Proyecto Urbano* da Cátedra Fernandez de Castro, da *Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo (Fadu)* da *Universidad de Buenos Aires (UBA)*.

## 2. UM BREVE HISTÓRICO

A cidade de Buenos Aires foi fundada duas vezes. A primeira, por Pedro de Mendoza, no ano de 1536. Dessa ocupação inicial, não sobraram vestígios. No ano de 1580, a partir do padrão de assentamento definido pelas *Leyes de Indias* (conjunto de normas urbanísticas e fundiárias a partir das quais se fundavam as cidades nas colônias espanholas), Juan de Garay funda Santa María de Buenos Aires. O parcelamento do solo da nova cidade garantia aos colonos um lote urbano, para sua residência, e um lote rural, no qual deveria produzir. Os lotes urbanos organizavam-se a partir de uma estrutura viária quadriculada, típica desse padrão de ocupação, tendo a Plaza Mayor (atual Plaza de Mayo) e o Forte como referências iniciais de centralidade. Os lotes rurais organizavam-se ao longo de três caminhos, abertos em direção ao interior. Ao norte, o caminho para Santa Fé; a oeste, o caminho para Guardia de Luján; e, ao sul, o caminho para os Saladeros del Sur. As áreas localizadas ao norte, que inicialmente foram destinadas à agricultura, transformaram-se, com o tempo, em áreas de expansão da mancha urbana, caracterizadas por um uso predominantemente residencial, de médias e altas rendas. As áreas ao sul, no entanto, não tiveram a mesma sorte. Essa região passou a concentrar as atividades produtivas relacionadas à criação de gado, como matadouros, curtumes e saladeiros (similares às charqueadas existentes no estado do Rio Grande do Sul). Assim, começava o histórico de contaminação do Riachuelo. A princípio, com a deposição de resíduos dos curtumes: sangue, ossos e gordura do gado abatido. Posteriormente, absorvendo a expansão da mancha urbana de uso industrial, com os dejetos derivados dessas indústrias.

É importante destacar que o próprio Riachuelo, enquanto fenômeno geográfico, tem um papel decisivo na definição desse zoneamento produtivo. Na medida em que o Rio da Prata não disponibilizava um porto natural para as embarcações que saíam de Buenos Aires ou ali chegavam (ao contrário do que ocorria com Montevideú, por exemplo), no Riachuelo foram encontradas as melhores condições para a construção desse equipamento fundamental. Disto resulta, inclusive, o nome do rio, originalmente “el Riachuelo de los Navíos”. Nesse contexto, em que o comércio, ou o contrabando, desde o princípio se coloca como principal atividade econômica da cidade, e os derivados da carne, seu principal produto, a forma como se deu a ocupação e apropriação da cuenca, naquele presente e em seu futuro, apareceria como uma trágica obviedade.

O processo de independência, desencadeado a partir da Revolução de Maio de 1810, teria papel central na rápida expansão urbana que sofreria Buenos Aires, então capital do Vice-Reinado do Rio da Prata, ao longo do século 19. A cidade incorpora pequenos povoados à sua mancha urbana, como Belgrano, ao

norte, San Jose de Flores, a oeste, e Barracas al Sud, ao sul. Este último, formado principalmente por áreas inundáveis (onde, até então, se localizavam os cemitérios e os lixões) próximas ao Riachuelo. O cemitério é trasladado para Chacarita, e o Matadero é substituído pelo Mercado de Liniers, existente e importante até hoje.

A cidade de Buenos Aires passa a ser a Capital Federal da República. Para substituí-la, enquanto capital da Província, é fundada a cidade de La Plata, em uma região também ao sul da capital, porém fora da área de influência da Cuenca Matanza - Riachuelo.

O fortalecimento dos laços comerciais com a França e a Inglaterra, a partir do incremento das exportações de couro e lã, provocou a expansão das áreas portuárias sobre o Riachuelo, e a construção dos primeiros trechos de ferrovia, que até hoje atendem, ainda que precariamente, a região. O papel central desse porto, dentro do contexto de uma economia agroexportadora, somente seria alterado em 1925, com a construção de Puerto Madero. É o momento em que o sistema de infraestrutura implantado na região, considerando, inclusive, a infraestrutura relacionada à habitação, começa a tornar-se obsoleto.

Na passagem do século 19 para o 20, a acentuação das migrações, internas e externas, dispara o processo de urbanização. Até esse momento, os *conventillos* se caracterizavam como a principal alternativa de moradia para a classe trabalhadora, na cidade de Buenos Aires. Os *conventillos* apresentavam, e ainda apresentam, uma organização espacial e social muito próxima à dos cortiços brasileiros. As famílias ocupavam um ou mais cômodos, compartilhavam áreas molhadas e pagavam aluguel ao proprietário do conjunto das moradias, que se encontravam sempre em um mesmo lote.

No entanto, nas primeiras décadas do século 20, alguns fatores passam a contribuir para a deterioração desse cenário, que, mesmo longe do ideal, ainda representava alguma estabilidade na relação dos trabalhadores com a cidade. No âmbito das questões de ordem interna, a aceleração do ritmo da industrialização faz que Buenos Aires passe a receber grandes contingentes populacionais vindos do campo, que vão somar-se àqueles que ainda chegavam de outras partes do mundo.

Nesse contexto, diante da impossibilidade da construção social de uma resposta aos conflitos urbanos que então começavam a radicalizar-se, a essa nova massa de trabalhadores restou, como alternativa, a ocupação das áreas inundáveis localizadas junto à Cuenca Matanza - Riachuelo. Desse modo, as *villas*, ou *villas de emergencia*, ou favelas, consolidar-se-iam, ao lado dos tradicionais *conventillos*, como alternativa habitacional fundamental para a população portenha de baixa renda.

No entanto, se os *conventillos* receberam imigrantes italianos, espanhóis, irlandeses, judeus e libaneses, as *villas* receberiam os argentinos pobres das províncias, além de imigrantes bolivianos e paraguaios. Se os *conventillos* foram o berço (há controvérsias) e a casa do tango, as *villas* seriam terreno fértil para a *cumbia*, a *murga* – expressão tradicional do carnaval platense – e, mais recentemente, o rap. Se alguns *conventillos* no Caminito atualmente são tratados como atrações turísticas e recriados como cenários totalmente desprovidos de conteúdo, as *villas* e sua cultura são renegadas, e a violência convive com as primeiras intervenções voltadas a sua reurbanização.

Ao longo do século 20, a consolidação da Cuenca Matanza - Riachuelo como zona industrial, e sua degradação urbanística e ambiental apresentam-se como simultaneidade. A retificação do Riachuelo, a construção do complexo de refinarias de petróleo em Dock Sud, o projeto do eixo de conexão entre Buenos Aires e o recém-construído Aeroporto de Ezeiza, e o projeto de remoção de *villas* posto em prática pela ditadura militar, meses antes do Mundial de 1978, demonstram que, entre os anos 30 e 70, a questão central relativa aos problemas da Cuenca Matanza - Riachuelo não dizia respeito à ausência de projetos e investimentos para a região, e sim à clara opção por projetos pautados por uma perspectiva desenvolvimentista, excessivamente pragmática, em que os problemas urbanos e ambientais eram interpretados e administrados principalmente sob a ótica da violência.

A partir do processo de redemocratização, iniciado nos primeiros anos da década de 80, ressurgem as esperanças em relação a um governo que poderia demonstrar maior sensibilidade ante o contexto de crise social herdado do regime anterior. Mas o agravamento da situação econômica do país impediria qualquer avanço nesse sentido. Os anos 90 trariam o “fim da história” e o neoliberalismo, com toda a sua capacidade destrutiva. Uma política de privatizações predatórias, camuflada pela euforia da convertibilidade, iniciaria um processo de sucateamento do Estado e abolição de direitos sociais que culminaria com o Argentinazo de 2001 e o conhecido “*¡que se vayan todos!*”. É um período marcado pela desindustrialização e empobrecimento massivo da sociedade argentina. Enquanto as fábricas e a infraestrutura localizadas na Cuenca Matanza - Riachuelo eram sistematicamente abandonadas, o processo de crescimento e adensamento das *villas* da região, assim como o processo de degradação ambiental, vivia seu apogeu.

A recuperação econômica da década seguinte, pautada, em certa medida, por políticas de recuperação de direitos, inclusão social e recuperação do papel do Estado na gestão dos problemas urbanos, contribuiria para o desenvolvimento de ações de planejamento, no sentido de recuperação urbanística e ambiental da Cuenca Matanza - Riachuelo, ainda que seus resultados práticos estejam muito aquém da escala dos problemas.

Um panorama geral desse contexto, a partir do encadeamento de distintos pontos visitados durante o trajeto, será apresentado a seguir.

### 3. LA BOCA / VUELTA DE ROCHA

O trabalho de campo começou no Bairro da Boca, mais especificamente, no Caminito. Essa atração turística localiza-se junto a Vuelta de Rocha, porto natural do Riachuelo e tido por muitos como o local onde Pedro de Mendoza e depois Juan de Garay atracaram, pela primeira vez, em terras que viriam a ser Buenos Aires. Independente da veracidade dessa informação, esse lugar transformou-se no primeiro porto da cidade, promovendo, em sua paisagem, uma série de transformações, que podem ser observadas até hoje. A infraestrutura portuária resiste: alguns elementos quase como arqueologia (as pontes móveis construídas em estrutura metálica, barcos e depósitos abandonados); outros, incorporados aos novos usos definidos pela atividade turística, como os antigos atracadouros.

A escolha desse lugar como ponto de encontro respondia a diversas necessidades, mas uma delas, em especial, permite algumas reflexões sobre essa

cabeceira da cuenca e também sobre seu destino. É uma região da cidade relativamente bem atendida pelo sistema de transporte público. Existem muitas linhas de ônibus que estabelecem a conexão entre diversos pontos da cidade e Vuelta de Rocha. Perto dali, está a estação Constitución, aonde chegam trens, metrô e ônibus. No passado, a formação desse sistema se relacionou com a necessidade de atender a um bairro popular com alta densidade populacional, em uma área estratégica para a atividade produtiva nacional. Sua manutenção, após a derrocada dessa estrutura produtiva e a degradação urbanística da região, poderia ser explicada pelo fluxo de turistas à região e pela necessidade de garantir transporte a uma classe média que vem definindo um novo perfil da população local. Nesse sentido, é possível afirmar que a Boca, um dos lugares mais tradicionais da cidade, poderia ser caracterizada como um bairro no qual o poder público e os turistas podem passear distraidamente, diante dos verdadeiros *conventillos*, exercitando um cinismo bastante funcional, enquanto falsos

Figura 01: O Riachuelo e a localização dos lugares visitados.  
Fonte: Google Earth.

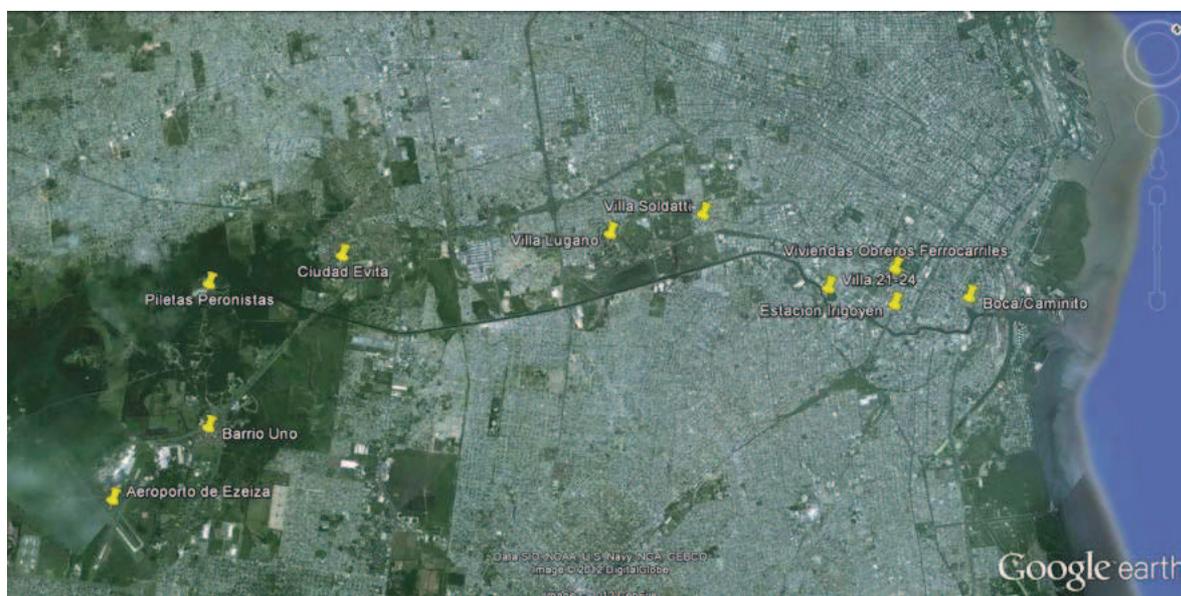


Figura 02: Vuelta de Rocha. Encontro do Riachuelo com o Rio da Prata.  
Fonte: Autor.



*conventillos*, caricaturas malfeitas dos originais, são tratados como se fossem, de fato, o bairro ou a cidade.

Azar do restante da Cuenca Matanza - Riachuelo (uma multidão de primos pobres), que, sem seus (im)possíveis Caminitos, sem esse Urbanismo cínico de duas quadras, sem La Bombonera (estádio do Club Atletico Boca Juniors) e sem a infraestrutura para o turismo, ficou somente com a degradação urbanística e ambiental.

#### 4. ESTACIÓN IRIGOYEN, LÍNEA BELGRANO SUR

O segundo lugar visitado foi a Estação Hipólito Irigoyen, que integra a linha General Roca, do ramal Sul do sistema de trens metropolitanos da Província de Buenos Aires. Ela se localiza no bairro de Barracas e é a primeira parada após a Estação Constitución.

Apesar de estar muito próxima a um dos mais importantes terminais de trem-ônibus-metrô da cidade, é uma das estações menos movimentadas do sistema. Isso se explica pelo fato de que uma das principais funções desse equipamento não é exatamente servir como estação de transbordo. A tipologia adotada para sua construção, em 1904, (talvez seja a única estação elevada de todo o sistema ferroviário bonaerense) e o local escolhido para tanto (a aproximadamente 400 metros do Riachuelo) sugerem que a Estação Irigoyen foi concebida também como um equipamento que garantiria o suporte necessário para que esse ramal ferroviário cruzasse o rio.

É importante notar que esse suporte foi pensado tanto em termos da Engenharia, quanto da Arquitetura e Urbanismo. Se a Engenharia garantiu a elevação da cota dos trilhos, sua Arquitetura garantiu uma implantação bastante amigável com o entorno. O edifício possui uma escala muito próxima à definida pelas edificações vizinhas (Barracas é um bairro constituído principalmente por sobrados). Em sua frente, existe um largo, possivelmente remanescente de sua construção. Aos fundos, uma praça, que se desenvolve paralelamente ao largo e assim como esse, se conecta com uma rua de maior movimento. O acesso à estação pode ser feito tanto pela praça, quanto pelo largo.

Se, anteriormente, discutimos sobre as razões que direcionaram a expansão urbana de Buenos Aires no sentido da Cuenca Matanza - Riachuelo, a visita a esse sítio nos mostrava um pouco como essa expansão se manifestou – em seu tempo - de forma concreta.

#### 5. VIVIENDAS DE OBREROS DE LOS FERROCARRILES / COLONIA SOLA — BARRACAS

Nesse mesmo registro, é possível analisar as Viviendas de Obreros de los Ferrocarriles. Foi uma das primeiras experiências de habitação de interesse social de Buenos Aires, construída na década de 80 do século 19. Destinada a atender os trabalhadores ferroviários, foi construída em Barracas, junto às oficinas dos Ferrocarriles del Sur. É um conjunto de quatro edifícios, com um térreo mais um

primeiro piso, com circulações externas, construídos em tijolo aparente, ferro e madeira.

O processo de expansão urbana de Buenos Aires definia assim o papel de Barracas, nesse contexto, bairro em que a moradia da classe trabalhadora dividiria espaço com indústrias pesadas e um sistema de infraestrutura de escala metropolitana. É interessante recordar que o nome do bairro – Barracas – se origina no fato de que, nessa região, se localizavam as barracas em que se fazia a quarentena dos escravos recém-chegados, assim como as barracas onde esses mesmos escravos foram isolados e abandonados, durante uma epidemia de febre amarela, na década de 1870.

## 6. VILLA 21-24

Chegar ao complexo formado pelas Villas 21-24 é chegar ao século 20. Mais precisamente, chegar àquele momento, situado imprecisamente entre os anos 50 e 70, no qual a falência de nosso modelo de desenvolvimento social e econômico já não podia mais ser ignorada.

Em linhas gerais, é uma favela muito parecida a tantas que conhecemos no Brasil, porém tem, como excepcionalidade, o fato de localizar-se às margens do Riachuelo (ocupa parte da área de um antigo porto) e de ser dividida em duas, por uma linha férrea. A maioria das casas é de alvenaria, com dois ou três pavimentos, e as redes de água e eletricidade, clandestinas. É a segunda maior de Buenos Aires, perdendo apenas para a Villa 31 (única villa da Cidade Autônoma de Buenos Aires localizada fora da Cuenca Matanza - Riachuelo).

A Villa 21-24 foi batizada pela ditadura argentina. Como forma de sistematizar sua política de remoção, foram designados números, como nomes para esses assentamentos. Elas então passaram a se chamar Villa 1, Villa 2, Villa 3, assim, sucessivamente, até a Villa 31. Desse universo, restaram apenas 14 villas (1, 3, 6, 11, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 24, 26 e 31). Todas as demais foram removidas, muitas delas no teatro de operações das obras para a Copa do Mundo de 1978. E muitas outras surgiram depois, adotando outros nomes.



Figura 03: Villa 21-24.  
Panorama geral do bairro.  
Fonte: Autor.

Assim como a Villa 21-24, um caso bastante representativo da forma como a expansão urbana de Buenos Aires, em direção à zona Sul, se manifestou de forma concreta é o de Ciudad Oculta, villa localizada no bairro de Mataderos, também na região da Cuenca Matanza - Riachuelo. Ela surgiu em torno do Elefante Branco, edifício construído durante o primeiro governo de Juan Domingo Perón, para ser o maior hospital da América Latina. O golpe que tirou Perón do poder promoveu a paralisação das obras e o abandono do que havia sido feito até então. O canteiro de obras e o edifício parcialmente construído foram ocupados, desencadeando o processo de formação e consolidação de uma das villas mais importantes da região.

## 7. VILLA SOLDATI / VILLA LUGANO

Ante o avanço do processo de urbanização informal e a impossibilidade de atendimento dessa demanda por moradia, por parte das experiências geridas pela sociedade civil (sindicatos, igrejas etc.), uma das respostas do Estado argentino foi a construção de conjuntos habitacionais de grande escala, em áreas periféricas. Villa Soldati e Villa Lugano, construídas na década de 60, inserem-se nesse contexto.

Se, anteriormente, foi comentado que as villas portenhas em geral não se distinguem das favelas brasileiras, o mesmo vale para os conjuntos habitacionais de grande escala. Assim como nossas conhecidas “cohabs”, esses conjuntos concretizam, em sua Arquitetura e Urbanismo, as abstrações que pautaram determinadas concepções modernistas, notadamente de matriz corbusiana, sobre a habitação e a cidade.

Existe, porém, uma diferença importante, em relação à experiência brasileira: a variação tipológica. Não houve a adoção indiscriminada de algo que remeta ao nosso famigerado “predinho H”. Nesse sentido, as condições em que atualmente se encontram esses dois conjuntos sugerem que as soluções



Figura 04: Villa Lugano. Vista geral dos edifícios, piso comercial e avenida principal do conjunto.  
Fonte: Autor



Figura 05: Ciudad Evita. Tipologia multifamiliar em lote isolado.  
Fonte: Autor

projetuais e programáticas adotadas em Villa Lugano responderam melhor ao processo de apropriação, por parte de seus moradores (atualmente cerca de 20 mil), dos espaços livres e construídos, quando comparadas às adotadas em Villa Soldati, já que o primeiro se apresenta atualmente como um bairro urbanisticamente qualificado e consolidado, atendido por um sistema de comércio, serviços, lazer e infraestrutura, enquanto o segundo caracteriza-se principalmente pela degradação de seus edifícios e áreas livres.

Villa Lugano é um conjunto formado por edifícios de 14 pavimentos, servidos por elevadores, nos quais o térreo e o primeiro piso têm uso comercial. A disposição dos blocos define um eixo central, onde se encontra uma avenida que garante o acesso de carros e ônibus ao conjunto. A importância dessa avenida, no sistema local de fluxos, não diz respeito apenas ao conjunto; é uma via importante para toda a região, colaborando para a integração entre Lugano e sua vizinhança.

As áreas comerciais têm frente para essa avenida, e se conectam entre si por um sistema de passarelas que cruzam a avenida principal. O intenso movimento na avenida contrasta com a quantidade de pontos comerciais vazios, um pouco menos da metade do total. Talvez seja o reflexo de um certo exagero no dimensionamento dessas áreas, já que os comércios existentes têm bastante movimento. Junto a essa avenida, existe também um centro cívico – que funciona e recebe atividades sociais e culturais da comunidade –, ao redor do qual foram construídos novos equipamentos, públicos e privados.

Villa Lugano está muito perto da Av. General Paz, que define os limites da Cidade de Buenos Aires. O trabalho de campo teria sequência no conurbano bonaerense, no município de Ezeiza.

## 8. CIUDAD EVITA/ BARRIO UNO / PILETAS PERONISTAS

Em 1945, ainda como candidato a presidente, Juan Domingo Perón inaugurava o Aeroporto Internacional de Ezeiza. A implantação desse importante equipamento de infraestrutura, localizado a aproximadamente 30 km do centro da capital, definiria um novo eixo de expansão urbana no sentido capital - província, ao longo da Autopista Ricchieri.

O Estado argentino, desse modo, aproveitaria a oportunidade para estabelecer uma política de planejamento para essa região, na tentativa de estabelecer um equilíbrio, entre a demanda existente por moradia e infraestrutura e o processo de expansão urbana, necessário para atender a essa demanda.

Desse modo, foram projetados e construídos, ao longo da Autopista, uma série de bairros-jardim, que promoveriam a ocupação da região, a partir de uma urbanização de baixa densidade. Ciudad Evita e Barrio Uno foram construídos nesse contexto.

A adoção do modelo de bairro-jardim colocava-se como uma novidade, em relação ao tradicional reticulado das *Leyes de Indias*. Mas, ainda assim, não abandonava elementos do Urbanismo tradicional, como lotes, ruas e praças;

(imagem 05. Legenda: Ciudad Evita. Tipologia multifamiliar em lote isolado. Fonte: fotografia tirada pelo autor)

elementos que seriam ignorados no Urbanismo dos grandes conjuntos dos anos 60. Foram previstas áreas comerciais, equipamentos de serviços públicos e a ocupação dos lotes a partir de distintas tipologias. (imagem 05).

Atualmente, esses dois bairros-cidades estão muito bem conservados e apresentam dinâmicas próprias de sociabilidade, sem deixar de manter relação com as cidades e bairros vizinhos. Sua Arquitetura e desenho urbano, que remetem, de certo modo, ao modelo do Deutsche Werkbund Weissenhofsiedlung de Stuttgart, adaptou-se muito bem ao cotidiano de seus moradores, na medida em que poucas alterações podem ser observadas, na organização geral dos espaços livres e construídos.

A ocupação desse eixo, no entanto, não foi pensada apenas em termos de habitação. Para atender às necessidades de lazer dos trabalhadores da região metropolitana de Buenos Aires, foi criado o parque que atualmente é conhecido como Piletas (Piscinas) Peronistas. Em linhas gerais, esse é um parque como tantos outros. A exceção é a existência de um conjunto de piscinas públicas, atualmente sem condições de uso, que conferem à paisagem um caráter próximo do surreal. São duas piscinas de 500 x 100 metros, e uma de 300 x 300 metros. Imagens da época mostram que foram bastante utilizadas durante anos, e posteriormente abandonadas, a partir da queda do peronismo. O parque foi reformado, segue sendo intensamente utilizado, porém não existe uma previsão para a recuperação das piscinas.

Essas experiências, desenvolvidas no período do primeiro governo de Perón, foram resultado de uma rara articulação entre planejamento, políticas de desenvolvimento econômico e políticas de inclusão social. Experiências evidentemente datadas, impossíveis de serem reproduzidas em sua totalidade, mas cuja leitura e interpretação poderiam indicar novas possibilidades de intervenção, em um cenário de tamanha complexidade.

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando os distintos contextos urbanos visitados, neste exercício de reconhecimento da periferia sul da cidade de Buenos Aires, a impressão que se consolida é a de que a Cuenca Matanza - Riachuelo se define, entre muitas outras coisas, por sua heterogeneidade. Esta condição, que se expressa pela convivência de situações tão distintas relativas a meio ambiente, infraestrutura, moradia e acesso a serviços públicos, poderia ser interpretada, a partir da história da constituição desse território, mais como resultado de políticas públicas desconectadas da realidade contraditória da região, do que como ausência das mesmas. Seus bairros, *villas*, conjuntos habitacionais, além dos próprios rios que compõem a cuenca, sempre foram, isoladamente ou em conjunto, objetos de políticas e projetos destinados a promover diferentes perspectivas de desenvolvimento, melhoramento ou renovação da região. Perspectivas que, segundo seu tempo, foram pautadas às vezes pelo *laissez faire*, outras vezes pela ampliação de direitos, e muitas vezes pela violência, sedimentando no território, por fim, as oscilações sociais e econômicas vivenciadas pelo país, ao longo do século 20 e dos primeiros anos do século 21.

## REFERÊNCIAS

- DEFENSORIA DEL PUEBLO DE LA NACIÓN. *Informe especial sobre la Cuenca São Paulo Matanza – Riachuelo*. Buenos Aires: Defensoría del Pueblo de la Nación, 2003. 284 p.
- DEVOTO, F.; FAUSTO, B. *Argentina Brasil 1850-2000: um ensayo de historia comparada*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2008. 492 p.
- GIROLA, Maria Florencia. Experiencia del lugar em un gran conjunto habitacional de la Ciudad de Buenos Aires: del proyecto moderno a la relegación urbana. *KAIRÓS Revista de Temas Sociales*, Universidad Nacional de San Luis, año 9, n. 16, p. 01-13, nov. 2005. Disponível em: <<http://www.revistakairos.org/k16-04.htm>>. Acesso em: dd mês ano.
- HERZER, Hilda (org.). *Barrios al sur: Renovación y pobreza em la ciudad de Buenos Aires*. Buenos Aires: Editorial Café de las Ciudades, 2012. 403 p.
- MENINI, Martin. Las dinámicas de crecimiento urbano. *Revista de Arquitectura. Sociedad Central de Arquitectos*, Buenos Aires, n. 244, p. 44-53, abr. 2012.
- REESE, Eduardo. Proyecto de desarrollo territorial de la Cuenca Matanza – Riachuelo. In: FORO METROPOLITANO, 3., 2006, Buenos Aires, *Presentación Foro Temático “Cuenca Matanza Riachuelo – de la Boca al Mercado Central”*, Buenos Aires, Fundación Metropolitana, 2006.
- ZICCARDI, Alicia. El tercer gobierno Peronista y las Villas Miseria de la Ciudad de Buenos Aires (1973-1976). *Revista Mexicana de Sociología*, México - DF, v. 46, n. 4, p. 145-172, oct./dic. 1984.

### Nota do Editor

Data de submissão: Abril 2013

Aprovação: Setembro 2013

---

#### André de Oliveira T. Carrasco

Arquiteto e Urbanista pela FAUUSP, mestre em Estruturas Ambientais Urbanas e doutor em Projeto, Espaço e Cultura pela mesma instituição.

Rua D. Pedro II 1024 – ap. 102

96010300 – Pelotas, RS, Brasil

(53) 9975.5517

andre.o.t.carrasco@gmail.com